

24. PERROT, Michele. L'imaginaire social au XIX^e siècle. In: LE GOFF, Jacques, coord. *Historie et imaginaire*. Paris: Poiesis, 1986. p.91-2.
25. GONÇALVES, Aginaldo José. O olhar refratário de Charles Baudelaire. In: BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre arte*. São Paulo: EDUSP, 1991. p.16-7.
26. BAUDELAIRE, op.cit., p.39-40.
27. BERTRAND, Jean Pierre. L'humor jaune des complaintes. *Romantisme*. Revue du Dix-Neuvième Siècle. Paris: CDU-SEDES, n.75, 1992.

VIDA E TRABALHO NUM BAIRRO FABRIL: DEPOIMENTOS

*Heloisa J. Reichel (coord.)
Maria Luiza Martini
Francisco Carvalho Jr.
Eliane Garcia
Regina Shenkel Weiss*

INTRODUÇÃO

A tarefa de constituir um banco de depoimentos de operários, militantes políticos e/ou moradores do Bairro Navegantes durante as décadas de 1940 e 1950 surgiu como um desdobramento de dois trabalhos já desenvolvidos anteriormente:

1. *As Indústrias Renner: um estudo de caso (1912 - 1945)*, integrante do projeto FINEP-UFRGS "O processo de industrialização no Rio Grande do Sul", concluído em 1989;

2. *Eloy Martins: um depoimento político (memórias de um metalúrgico)*; obra produzida com a assessoria do Núcleo de Pesquisa em História - NPH da UFRGS e editada em 1989.

Os objetivos da atividade que estamos desenvolvendo são:

- Realizar um exercício de história oral, com atores sociais interessados em "refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado",¹ vividas numa perspectiva de transformação social;

- Criar uma memória do Bairro Navegantes a partir da descrição específica do ativista político, do operário e/ou do seu habitante, durante os anos em que se constituiu na principal área industrial de Porto

Heloisa J. Reichel foi professora do Departamento de História e do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Maria Luiza Martini é professora do Departamento de História da UFRGS.
Francisco Carvalho Jr. é historiógrafo do Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS.
Eliane Garcia e **Regina Shenkel Weiss** são bolsistas da FAPERGS.

Alegre onde se estabeleceu uma das maiores indústrias do Estado: as Indústrias Renner.

Este artigo analisa alguns de seus resultados dividindo-se em duas partes distintas. A primeira desenvolve questões teórico-metodológicas pertinentes à história oral, fala da orientação e da técnica utilizadas para a coleta dos depoimentos. A segunda relata os dados obtidos e as relações que podem ser estabelecidas com o conhecimento previamente adquirido, no sentido de torná-lo mais amplo ou preciso.

MEMÓRIAS DE VELHOS OPERÁRIOS: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A história oral desperta uma questão: constitui ou não, com princípios metodológicos próprios, uma disciplina autônoma? Essa discussão, por si só, constituiria um estudo². Mas a reflexão que nos diz respeito permite apenas contar e analisar nossa própria experiência de trabalho, provisoriamente denominada “exercícios de história oral”.

Tudo começou pela associação à história social. Desejavamos que ela acontecesse como relato entre pessoa-fonte e seu historiador.

Essa experiência foi mobilizada pelo conceito de A. Touraine sobre movimento social: luta de um ator social pelo controle da historicidade, num movimento constante entre seu princípio de identidade, oposição e totalidade (IOT).

Um movimento social é um ator social, uma dinâmica entre um coletivo que contesta a direção de outro, dominante e dirigente; um coletivo cuja identidade é, além da visão de si mesmo, através de sua própria história, a imagem que de si mesmo atribui a seu adversário; um coletivo em que o adversário é, além de imagem atribuída, também a sua própria imagem; um coletivo cujo projeto reflete o outro como aberração.

A. Touraine considera a forma de estudar um movimento social como *intervenção sociológica*. Trabalhando com grupos de militantes, o analista é um “diretor de teatro”, catalisa IOT. Primeiro o grupo conta sua história: Quem é? Quando? Como? Onde? Por quê? Confronta-se com seus adversários dentro das mesmas questões, até tornar-se analista, vivenciando todas as etapas do processo, apropriando-se do conceito de movimento social.

Cruzamos este enfoque teórico a outros, de natureza mais abrangente, relativos à epistemologia e às ciências humanas.

Segundo FOUCAULT (1992, p. 381), (...) há “*Ciência Humana*” não onde quer que o homem esteja em questão, mas onde quer que se analisem, na dimensão própria do inconsciente, normas, regras, conjuntos significantes que desvelam à consciência as condições de suas formas e de seus conteúdos.

Ele nos inicia num reexame crítico das ciências humanas, contemporâneo ao desenvolvimento da psicanálise, convergindo para o inconsciente, construindo-o como objeto, tornando-o visível.

O inconsciente exterioriza-se em livre-associação, no diálogo com o analista; é linguagem e ao mesmo tempo é lei; é sistema, portanto significação; regra, portanto oposição; norma, portanto função.

Em que língua sonhamos? Na materna ou em alguma outra de que nos apropriamos como nossa? O indivíduo dá vida a sentimentos e entendimento, face a face consigo mesmo, pela palavra. Ela expressa esta simultaneidade: inconsciente, linguagem, lei e norma; expressa uma vontade profunda, diz Foucault.

A sociologia analisa a representação que o indivíduo se faz de como se divide a sociedade onde vive e produz: quais são os imperativos, as sanções e os ritos de sua reprodução?

A história analisa esse discurso no tempo, na sua finitude: o que muda e quando? Diacrônica ou sincronicamente?

A descoberta do inconsciente realizou-se na psicanálise, ela própria uma “contraciência” (Foucault, 1992, p.396), mas o método comum às ciências humanas é o da linguística: a análise do discurso, ao matematizá-lo, detecta seus elementos invariantes, desvenda as condições de sua forma e conteúdo.

Kristeva (1974) trata a linguagem e a psicanálise como “práticas”. Sugere que o semiótico, a reticência, a lacuna, o riso, a ambigüidade, sinaliza, no discurso, a perda de unanimidade, rompendo assim o “fascismo” característico da afirmação de uma identidade.

(...) une autre pratique discursive se fait entendre (...) indiquant une autre rapport à la socialité et donc à la politique. Pour elle, le contrat social et le système de la langue ne sont pas une commune mesure, mais une limite à faire jouer (non pas à dissoudre) (Kristeva, 1974, p. 68).

Orientados por essas considerações sobre as ciências humanas, convergindo para o inconsciente, assumimos a história oral combinada à intervenção sociológica, para tentar uma análise de história social. Seu

objeto é a representação que o militante protagonista do ator social se faz da sociedade: o que muda (morre) e quando muda no tempo (vida e morte).

Questionado sobre as possíveis relações entre intervenção sociológica e psicanálise, A. Touraine responde:

O sociólogo na relação com os militantes não silencia necessariamente sobre sua individualidade, como na psicanálise. A intervenção sociológica trabalha com o conceito de movimento social. Este é o discurso prioritário.³

A linguagem, o inconsciente, as relações afetivas fazem parte da análise sociológica na medida em que participam da *totalidade* do movimento social, isto é, do imaginário, do sistema simbólico, em linguagem weberiana; coincidem com a própria dialética, numa linguagem marxista.

Por enquanto limitamo-nos a comunicar o essencial de uma discussão que está-se desenvolvendo no grupo de estudos do projeto "Vida e Trabalho num bairro fabril - depoimentos".

Nossa decisão pela história oral, depoimentos de pessoas-fontes, antigos operários e/ou militantes políticos, foi a decisão pela relação entre pesquisador e pessoa-fonte. Há um conhecimento mútuo de verdades, ambos reconhecendo-se em práticas sociais e políticas que permitem tanto o questionamento do pesquisador em sua prática, a análise histórico-sociológica, quanto do militante em ação no movimento ou classe operária.

Nossa relação com Eloy Martins iniciou com o Curso de Extensão Universitária promovido pelo Departamento de História da UFRGS em 1989, denominado "Semana de Estudos sobre a Revolução Soviética", sob a coordenação do Professor Paulo Vizentini.

Contatadas as redes de confiança que nos aproximavam, iniciou-se também nosso conhecimento simbólico, em termos de desejo, conceitos, utopia e Ideologia (Touraine, 1973, p.173) anteriores ao conhecimento pessoal.

O que nos impressionou imediatamente foi a juventude e a beleza física daquele velho homem e militante.

Do ponto de vista da linguagem e psicanálise, nosso inconsciente expressou-se no seguinte subtexto: *que "gatão" seria o Eloy quando começou a militar em 1929, no Bloco Operário Camponês!* Esse subtexto, canalizado pelo Agitador de Intervenção Sociológica foi: *se eu fosse homem, operário e militante, gostaria de ser como Eloy.*

Em nosso primeiro encontro, compartilhamos, no mínimo, o con-

ceito de mais-valia e a interpretação de que tanto o operário quanto o burguês se identificam com a cultura industrial, cada ator lutando por seu controle na história.

No contato seguinte, um ano após a realização do curso, Eloy Martins nos apresentou um volume datilografado de 250 páginas, suas memórias. Indagava da possibilidade de realizarmos uma revisão cronológica e factual dos acontecimentos ali relatados. Pensamos então que a melhor maneira de fazê-la seria trabalhar junto com ele, em vez de executá-la isoladamente. Que método adotar para realizar o trabalho solicitado? Nada melhor que o da intervenção sociológica e o da história oral.

O grupo de pesquisa, essencial para gerar distanciamento crítico, organizou-se nesse momento. Cada pesquisador trabalhou um grupo de capítulos, selecionando informações-chave da cronologia de Eloy, que lhe facilitassem recordar. Refizemos todo o seu percurso em bibliografia sobre os temas e fatos que narrara: PCB, movimento sindical, trabalho na fábrica, entre outros. Dividimo-nos, interpretando os papéis de agitador e secretário. (Touraine, 1978, p. 210)

O agitador é aquele que instiga o depoente a refazer sua memória. Solidário com ele, reforça-o para relembrar as ações militantes passadas e sua importância para a opinião pública; liga-o à ação, perguntando como e quando; coordenando um "face a face" imaginário com seus adversários e aliados, evocando como reagiam, o que faziam.

O secretário que anota as perguntas e respostas, é também um mediador. Intervém nos momentos de tensão, retomando, por exemplo, uma pergunta que ficou postergada ou enunciando sua compreensão de alguma fala do depoente para reexaminá-la.

Assim organizados, às vezes rodiziando as funções, tratamos de escutar criteriosamente as informações, o falar do depoente, num primeiro momento sem interrupções, noutro, já através do questionamento.

O trabalho, tanto para aquele que já havia relatado suas lembranças como para nós, que tratávamos de ouvir e pensar novamente sobre o aprendido, foi como se retomássemos uma estória interrompida. A cada lembrança e questão mais informação, acréscimos e nuances.

Ao final, Eloy produziu interpretações de si mesmo e de seus adversários, para inserir, acrescentando ou reformulando, o que ele julgou pertinente no nosso diálogo, seus primeiros leitores.

O percurso foi inverso ao de uma pessoa que passaria a relatar suas memórias. As principais intervenções foram de edição, reordenação dos capítulos e inserção de um novo, sobre como era a militância sindical e política, sobre como se preparavam para enfrentar os adversários na

célula do Partido Comunista, em 1928.⁴

A afetividade dos historiadores e a de Elói investidas numa análise social, intensificou o desejo de lembrar, ampliando-se a “memória seletiva”(Bergson, apud Bosi, 1987)⁵ da pessoa-fonte, isto é, o que queria lembrar.

O contato foi imediato, o reconhecimento, a conversão do pesquisador em pessoa-fonte e vice-versa foi intenso. Evocamos dilemas, tornando o concreto-pensado em realidade-concreta, como se estivéssemos prestes a agir novamente. Juntos suportamos a decisão histórica, a qual os historiadores, ausentes no passado, sofreram no presente.

A história social, transformada em história contemporânea nessa experiência, mostrou-se análoga à intervenção sociológica. A indagação do investigador e a do ator social constituem a hipótese de pesquisa. Sua demonstração é a elaboração de sua perda.

O percurso com Dona Julieta Batistoli foi de iniciação de reavivar sua memória. Trabalhou nas Indústrias Renner, no setor de calçados e conhecia todas as outras seções. Foi militante do PCB. Mas neste depoimento, ao contrário do de Eloy Martins, que mesclara a memória do operário com a de militante, aqui buscamos a Dona Julieta operária.

Evocamos sua história desde o interior da fábrica, seu funcionamento, as etapas da produção, o tempo regulado, a vigilância dos mestres.

O gravador entra quando sua necessidade se faz evidente. Apesar do constrangimento inicial, o gravador permite a necessária análise dos depoimentos. Transcritos, a pessoa-fonte os corrige e recupera sua experiência. É devolvido ao depoente o que é seu.

Tornam-se evidentes os mecanismos da memória. A dúvida, por exemplo. Na maior parte das vezes, não se trata de dúvida ou esquecimento, mas a escolha do que revelar/lembrar. Daí a necessidade do agitador: Como se dava a produção de sapatos? Quantos pares eram obrigados a produzir? Como funcionava determinada máquina? Quem a manjava? É quando nossa depoente revela que, de todo este universo de vivências, a mais impressionante foi a introdução da fita mecânica, a esteira rolante. Um instrumento retira a possibilidade de auto-regular seu tempo para a realização da tarefa. Agora, além de rápida é contínua:

A fita mecânica. Eu disse que não me dei bem com a fita mecânica porque se parassem as fitas 15 minutos, que era para a gente ir ao banheiro, quer dizer, se a gente tivesse vontade de ir ao banheiro antes, não dava. E aí, o que vinha da outra da frente (operária) pra gente,

acumulava e eu, se tinha vontade de ir ao banheiro eu ia, levantava da fita e ia, independente se acumulasse ou não acumulasse. Eu não sou máquina.⁶

Não era contra a fita, porque era um progresso; eu era progressista, mas é que no regime atual que nós vivemos, o progresso não vem em benefício do homem, mas sim prejudicar o homem, porque o que muitas faziam, poucas faziam na fita e as outras tinham que ser desempregadas (...). Então, eu tinha isto. Eu protestava (...) como muitos comícios relâmpagos que eu fiz na porta da fábrica, esclarecendo o trabalhador, (...) que a fita não veio para beneficiar o trabalho, os trabalhadores, ela veio beneficiar o patrão.⁷

Ainda diz:

(...) O trabalho na fita chegava ali, então ele quiz, o mestre Adams, que veio de Novo Hamburgo, ele queria assim: só parava para merendar quem estava na fita, quem não estava na fita não tinha tempo para merendar. E era uma coisa que nós tivemos, tempo para merendar. Então, eu disse: 'nós não vamos obedecer'. 'Mas, é lei'; ele disse. 'Não, eu digo, a lei é: nós já gozávamos antes!'

E nunca um operário tira de si aquilo que já ganhou.⁸

Revivemos com Dona Julieta o impacto das inovações, a insegurança diante de um mecanismo que facilita o trabalho (“sou progressista”) e simultaneamente desemprega companheiros em vez de aproveitá-los noutros setores.

Entendemos particularidades de um cotidiano de pequenas questões esquecidas num complexo de explicações sobre o capital, que se revelam grandes na análise do processo.

Os depoimentos de operários e militantes levam-nos a suas reuniões na fábricas, realizadas nos estreitos espaços disputados à vigilância, onde se discutiam condições de trabalho, questões que afetavam diretamente o processo de produção, além de medidas redistributivas como assistência ao trabalhador e creches. Mostram-nos como eles próprios reconheciam que o processo de trabalho lhes permitia avaliar a concentração da riqueza em contraste com a exclusão social. Mais: a situação internacional também era discutida, informada por jornais do Partido e publicações do Socorro Vermelho, órgão da Internacional.

Esta é a riqueza da história oral combinada com a intervenção soci-

ológica: a interação entre os saberes, a troca necessária de experiências para compreendermos que uns e outros, a seu modo, fazemos parte deste processo, para entendê-lo e/ou transformá-lo; a experiência multiplicada, a confiança adquirida, ampliando-se o leque de informações para o cotejo com o pré-conhecimento; a devolução, as várias entrevistas com a mesma pessoa-fonte compondo um depoimento; a possibilidade de questionar o próprio método de análise com os depoentes, de diversificá-los entre pessoas-fonte com várias inserções sociais, ideológicas e políticas; a formação necessária do grupo analista para a obtenção de distanciamento crítico.

As etapas e cronogramas para este tipo de trabalho obedecem, sem dúvida, à disponibilidade dos depoentes. Indicada a pessoa, faz-se um contato, onde explicamos nosso projeto. Elabora-se o cronograma das entrevistas, primeiramente sem gravação, que se introduz somente com a anuência do depoente. Transcrita a entrevista o texto é remetido ao grupo de historiadores e seu autor. Ambos selecionam pontos duvidosos, sendo a palavra final da pessoa-fonte. Com sua permissão, cumpridas essas etapas, o depoimento será divulgado através de publicação, palestras ou banco de depoimentos.

A CONTRIBUIÇÃO DE UM DEPOIMENTO AO PROCESSO DE CONHECIMENTO SOBRE A INDUSTRIALIZAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL

Temos por objetivo, na segunda parte deste artigo, demonstrar a contribuição dos depoimentos orais à construção do conhecimento sobre o processo de industrialização, especificamente sobre a classe operária no Rio Grande do Sul.

É necessário, inicialmente, resenhar a pesquisa sobre as Indústrias Renner, que constituiu pré-conhecimento orientador para a tomada dos depoimentos, objeto central do nosso trabalho, e para analisá-los com maior aproveitamento.

A investigação efetuada entre os anos de 1984 a 1988 sobre o desenvolvimento do processo de industrialização rio-grandense, centrando a análise num estudo de caso, permitiu-nos aprofundar o conhecimento sobre elementos da realidade industrial gaúcha tais como:

1. Momentos de retração das importações alternados a outros de expansão foram importantes no processo de crescimento das empresas industriais. A crise de 1929, por exemplo, diminuindo as importações, ao

gerar um aumento da demanda de produtos industriais nacionais, possibilitou às Indústrias Renner aumentar significativamente capital e produção. Os lucros assim gerados, investidos em bens de produção e insumos durante momentos favoráveis à importação, permitiram à empresa índices reais de crescimento e produtividade, ampliando instalações, maquinário e modernizando o seu sistema produtivo;

2. O setor de bens de consumo na indústria rio-grandense, principalmente daqueles que utilizavam matéria prima produzida no próprio Estado, liderou a industrialização do Rio Grande do Sul. Esse é um dos fatores explicativos para a diminuição do ritmo de crescimento da indústria gaúcha a partir dos anos 40. O caso das Indústrias Renner é exemplar do tipo de investimento feito pelos industriais gaúchos: manter a mesma base industrial e formar corporações concentrando a produção no sentido horizontal. Desde os anos 30, quando a empresa apresentava sinais claros de expansão, vemos que houve a preocupação em investir na produção de artigos complementares a sua indústria principal, a de confecção: assim, a fábrica de calçados, aproveitando restos da lã não utilizada na confecção, a fábrica de sabão, reutilizando a matéria prima empregada na lavagem das lãs, e uma de chapéus, confeccionados com feltros produzidos pela fábrica no setor de tecelagem. Mesmo considerando outros investimentos, como a fábrica de porcelana e a de tintas, vemos que eles se restringiram ao setor de bens de consumo. Exceção foi a fábrica de máquinas de costura, que se constituiu numa experiência de curto tempo, pois não pôde competir com o produto importado;

3. A reinversão de capitais no setor de bens de consumo que utilizava matérias primas produzidas no Estado fez com que a classe dos industriais e a política governamental fossem amplamente influenciadas pelos interesses e pela liderança dos empresários daquele setor. Nesse aspecto, destaca-se o papel de líder que o industrial A.J. Renner desempenhou entre seus companheiros de classe, chegando inclusive a ser um dos fundadores do Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul.

Constatamos, fruto dessa situação, que a estrutura de industrialização do Estado e da sociedade gaúcha em geral estavam em estreita relação com os resultados e a produção que apresentava o setor de bens de consumo ligados às matérias primas aqui produzidas, incrementando o forte regionalismo que caracteriza não só a economia, mas também a mentalidade dos rio-grandenses.

Afora características gerais como as que apontamos acima, indicaremos outras, específicas das relações capital-trabalho e que foram

identificadas no estudo de caso sobre as Indústrias Renner. São elas:

1. A empresa apresentou um alto índice de crescimento e de concentração de capital, baseada no aumento da comercialização dos seus produtos e, principalmente, no incremento da extração da mais-valia relativa. Adotando a racionalização dos métodos de trabalho, inspirados no taylorismo e no fordismo, a indústria empregou tão intensamente a divisão de trabalho que, para a confecção de um simples terno, envolvia cerca de 130 operários. Além disso, dotou a fábrica de máquinas que praticamente mecanizaram setores como o de fiação e tecelagem suprimindo, em muito, da produção, a participação do saber operário. Introduziu no setor de confecção, no qual ainda havia uma participação importante da mão-de-obra, as esteiras rolantes que permitiam manter acelerado ritmo de produção e o controle da eficiência do trabalhador, já no final dos anos trinta;

2. A passagem da fase de acumulação de capital através do aumento da tecnologia, desde meados dos anos 30, alterou a composição do operariado que trabalhava na empresa. No período anterior, o conhecimento técnico, a habilidade em operar máquinas não-automáticas (como os teares, por exemplo) e a grande participação do trabalho manual na elaboração dos produtos, faziam com que a mão-de-obra empregada fosse treinada na própria fábrica. Ela vinha, em sua maioria, da zona colonial alemã, enquanto os chefes de seções, técnicos e operadores das poucas máquinas, eram geralmente imigrantes alemães e vinham acompanhando a importação das mesmas;

3. Com a adoção de um maquinário mais moderno, substituindo em grande parte a habilidade da mão-de-obra na produção, o que se passou a exigir desta foi primordialmente disciplina para um trabalho mecânico, repetitivo e fracionado. A mão-de-obra empregada pôde ser recrutada entre os próprios trabalhadores urbanos, que começavam a inchar as cidades devido ao êxodo rural. Fruto dessas modificações, os salários deixaram de ser pagos por tarefa ou produtividade, passando a ser quase que o mesmo para todos os operários de uma mesma seção e sofrendo com isso uma redução significativa;

4. As alterações do trabalho na fábrica foram acompanhadas de uma série de leis sociais que regulavam as relações de trabalho em geral, estipulando um salário mínimo, férias, direito de organização sindical, aposentadoria e assistência médica aos operários. Devido à massificação da mão-de-obra empregada e com o interesse de impedir a alta rotatividade da mesma, o industrial A.J.Renner adotou uma série de medidas de assistência social complementares àquelas leis sociais acima

citadas. Fundou-se na fábrica um conjunto de obras assistenciais que se destinavam a atender o operário enquanto realizava seu trabalho: a creche, o refeitório, o consultório médico e dentário. Outras atendiam sua sobrevivência, como a cooperativa de crédito e de consumo. Além disso forneciam-lhe condições de lazer e educação, como o Gremio Esportivo Renner e a Escola Senai;

5. Os Boletins Renner, veículo de comunicação da empresa com os operários, tiveram a finalidade de gerar um trabalhador impregnado dos valores e da ética de trabalho capitalista. Divulgavam histórias de vida, conselhos, programações, prêmios, etc. Sem dúvida, os Boletins atuaram como agentes de propaganda e difusão da ideologia dominante empresarial e, juntamente com as obras de caráter assistencial, exerceram forte influência sobre o operariado e a comunidade do bairro em geral.

Obter mão-de-obra disciplinada e permanente, dotada de uma ética de trabalho e de um conjunto de valores adequados aos interesses do capital, era o que movia a ação dos empresários na sua relação com os trabalhadores.

A fábrica das Indústrias Renner localizava-se, no Bairro Navegantes, em Porto Alegre. Desde sua fundação, em 1914, ocupou um lugar de destaque no bairro fabril da capital do Estado. Devido ao crescimento da empresa e à construção dos prédios que se destinavam a atender o operário na sua subsistência e lazer, foi ganhando uma posição de centro coordenador e de referência para o bairro e seus moradores, fossem eles operários ou não. Uma série de obras como o estádio do "Renner Futebol Clube", a Igreja Evangélica e sua escola, o Colégio da Paz, a Cooperativa de Consumo, o Centro de Saúde Modelo, utilizados pela comunidade do bairro, foram construídos com financiamento da empresa.

Ao desenvolvermos esta investigação defrontamo-nos, porém, com um sério problema: toda a documentação escrita que levantamos e consultamos expressava apenas a visão da classe dominante. Ou eram os Boletins Renner, editados na própria empresa ou eram obras escritas por intelectuais contratados pela indústria para comemorar seus aniversários de fundação ou eram documentos públicos e privados que se encontravam arquivados. Estes foram consultados na Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul, órgão representativo da classe das industriais, nos arquivos públicos, que recolhiam dados fornecidos apenas pelas empresas ou ainda em jornais e revistas que louvavam a importância das Indústrias Renner no contexto da economia estadual e

nacional, a modernidade das suas instalações, do seu maquinário etc.

Faltou-nos documentação que relatasse as formas de entender e de pensar essa realidade a partir da ótica do trabalhador. Buscamos em arquivos de sindicatos operários, em jornais operários e quase nada encontramos que permitisse o entendimento que o setor do trabalho tinha sobre as relações sociais que se estabeleceram nesse processo.

Visando preencher essa lacuna, partimos para o recolhimento de depoimentos de antigos operários e moradores do Bairro Navegantes, através da história oral. Realizamos entrevistas com alguns moradores do bairro interessados em reconstruir e repensar as imagens e idéias que tínhamos obtido do processo de crescimento da empresa, todas expressando a visão da classe dominante.

Dentre vários temas, abordamos nas entrevistas desde a forma como os industriais aplicaram na empresa a legislação social, implantada a partir dos anos 30, até as condições de vida dos trabalhadores e moradores do bairro, selecionamos os relativos ao processo de trabalho, aos métodos de controle e de subordinação da mão-de-obra adotados pela empresa, os quais permitiram um elevado grau de acumulação de capital.

Apresentaremos, a seguir, as questões que foram trabalhadas com uma moradora do bairro. Sua mãe era proprietária de uma pensão. Servia refeições, dava alojamento para os operários da fábrica Renner e, nos anos de sua madurez, continuou morando na mesma casa, tendo vários familiares e amigos entre os operários da empresa.

Realizamos várias entrevistas com a depoente, hoje com 78 anos de idade, a fim de estimular a sua memória, canalizando para o reviver a vida do bairro, a afetividade do historiador e da pessoa-fonte.⁹

Resgatamos assim, alguns aspectos indicadores das modificações que a modernização do processo de trabalho provocou na vida do operário e do próprio bairro.

“No meu tempo de criança e jovem (durante os anos das décadas de 10 e 20), os operários eram pessoas instruídas, que sabiam até tocar piano e falavam alemão”, assim referiu-se ela em seu relato. Os operários que tinham família moravam em pequenas casas no bairro, muitos deles proprietários das mesmas. “As casas maiores, com jardins bonitos, eram dos técnicos, como meu pai, que trabalhavam na fábrica e eram quase todos alemães legítimos”.

Perguntamos o que fazia um técnico. A depoente explicou-nos que a fábrica, quando importava uma nova máquina, mandava vir também um imigrante que soubesse montá-la e cuidar da sua manutenção. Eles

ganhavam altos salários e *“foi somente depois que meu pai morreu que minha mãe abriu a pensão. Esses alemães fundaram o seu clube, onde jogavam bôlo e cartas. Os operários não. Eles costumavam jogar bola no pátio da fábrica”.*

Falando ainda dos diferentes grupos sociais que residiam no bairro fabril, disse: *“A casa mais bonita do bairro era a dos Renner que ficava na rua atrás da fábrica. Só depois da enchente que eles se mudaram. Havia dois armazéns no bairro e dois bares. Um armazém servia os que tinham mais dinheiro e o outro, os empregados da fábrica. Um dos bares, o Odalisca, era muito conhecido, pessoas de outros bairros vinham comer ali.”*

A situação se modificou após os anos 30 e principalmente nos 40. Até ali fora um bairro fabril e operário. Depois os operários não moravam mais no bairro, vinham de cidades da periferia como Canoas, Gravataí e um bom número deles passou a construir casas e barracos na Vila Teodora, que se formou nas margens do rio Guaíba, bem próximo à fábrica. O bairro transformou-se, as famílias mais ricas mudaram-se e para ele vieram moradores com baixa renda, e se caracterizando cada vez mais por ser uma área onde se instalavam fábricas e firmas de comércio atacadista, o seu lado residencial passou a um plano secundário.

Podemos considerar, levando em conta essas informações e relacionando-as com os dados recolhidos na investigação anterior, que a adoção de métodos de trabalho, inspirados na racionalização do tempo e na mecanização da produção, alteraram profundamente a qualidade e o nível de vida dos trabalhadores. O operário, ao perder o controle da produção, teve diminuído o seu salário real. Ao contrário do que os legisladores e alguns empresários afirmavam, o salário mínimo não garantiu o ganho ao trabalhador, mas nivelou-o por baixo, permitindo maior acumulação da riqueza e aumentando disparidades sociais. O surgimento das vilas populares, em torno do bairro fabril, é prova disso.

A adoção de obras de caráter assistenciais como a creche, o refeitório, as escolas ou a cooperativa tem a ver com a mudança do perfil do operário. Somente com investimentos nessa área é que a empresa poderia contar com uma mão-de-obra cativa, já que esta, por não ser mais especializada, caracterizava-se pela rotatividade.

Os relatos da entrevista nos permitiram reafirmar, quanto aos resultados obtidos com a adoção de assistência social própria, na fábrica, o que já havíamos inferido em nossa investigação anterior. Mais especificamente, em relação ao nível de adesão aos interesses do capital e controle da mão-de-obra, verificamos que a existência de creche e de coopera-

tiva influenciava a permanência do trabalhador na empresa. As medidas assistencialistas eram consideradas por muitos como um ganho a mais do salário e ser operário das Indústrias Renner constituía-se num *status* laboral privilegiado.

Os resultados positivos para a empresa se estendiam também no que diz respeito a sua relação com o bairro. A possibilidade de utilizar a cooperativa, através de amigos e parentes dos funcionários da indústria, fez com que se formasse, no imaginário dos moradores do Bairro Navegantes, uma visão de que a fábrica realmente congregava a "família rennista", como queria seu proprietário, aliviando as tensões do conflito de classes.

Finalizando a análise que vimos fazendo do depoimento, destacamos ainda um último aspecto. A história da empresa e também do Bairro Navegantes é marcada pela enchente que ocorreu em Porto Alegre no ano de 1941. Livros e jornais relatam que as dependências da fábrica, bem como as casas dos moradores do bairro foram totalmente inundadas. Quando as águas do rio Guaíba transbordaram, os operários espontaneamente passaram a noite trabalhando com o intuito de proteger o maquinário e, depois de terem baixado, limpar as instalações. Este mutirão, segundo os empresários, foi o responsável pela rapidez com que a fábrica voltou a funcionar. Entretanto, a entrevistada contou-nos que, pouco antes de ocorrer a enchente, muitos operários haviam sido despedidos devido à instalação de novas máquinas, dentre as quais a esteira rolante. Como a enchente agudizou o problema da falta de empregos, pode-se pensar que os operários participaram do mutirão preocupados em manter seu trabalho e não, como as fontes sugeriam, unicamente em cooperação com a empresa.

Estabelecendo as relações possíveis entre um pré-conhecimento e as novas informações obtidas através de depoimentos, procuramos mostrar como este tipo de recurso pode aperfeiçoar e enriquecer o conhecimento histórico, principalmente sobre temas que envolvem agentes como os trabalhadores, que sempre tiveram poucos canais preservados para registrarem seu entendimento sobre a própria realidade.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz e Ed da USP, 1979. p.17
2. De acordo com a percepção de que a História Oral se constitui numa disciplina independente, temos a obra de Paul Thompson, *La voz del pasado*.

História Oral. Valencia ed. Alfons el Magnanim, 1988 e a revista, publicada desde 1980, *International Journal of Oral History*. Há, por sua vez, posições contrárias a este entendimento, como a do Prof. Josep Fontana que considera, em sua obra *La historia después del fin de la historia* (Barcelona, Crítica, 1992, p. 84) "uma aberração que chega ao seu extremo quando pretende se converter em disciplinas independentes inclusive o que são simples técnicas de trabalho - ferramentas que só tem sentido quando se põem ao serviço de uma interpretação histórica global". No Brasil, para abordar esta polêmica, destacamos a obra de Diana Gonçalves Vidal, De Heródoto ao gravador: histórias da história oral. *Resgate/Revista Interdisciplinar de Cultura do Centro de Memória/UNICAMP*. Campinas: Papirus, 1990. v. 1, p. 77 a 82

3. Anotações do Seminário "Sociologie des mouvements sociaux. L'intervention sociologique". Paris: 02/1979.
4. MARTINS, Eloy. *Um depoimento político*. Porto Alegre: 1989, p.48
5. BOSI, E. Op. cit, p. 11.
6. Entrevistas já degavadas e transcritas, porém não publicadas com Dona Julieta Batistoli, a operária das Indústrias Renner e militante do PCB.
7. Id.ib.
8. Id.ib.
9. Estas entrevistas, com a Sra. Irmgard Reichel, não se encontram degavadas ainda.

BIBLIOGRAFIA

- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, T.A. Queiroz/Ed. Universidade de São Paulo: 1987.
- FOUCALT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- KRISTEVA, Julia. *Sujet dans le langage et pratique politique*. In: VERDIGLIONE, Armando. *Psychanalyse et Politique*. Paris: Seuil, 1974.
- MARTINS, Eloy. *Um depoimento político*. Porto Alegre: 1989
- TOURAINÉ, Alain. *Production de la Société*. Paris: Seuil, 1973.
- . *La voix et le regard*. Paris: Seuil, 1978.

COLABORAÇÕES

- 1 – A revista **Anos 90** aceita artigos inéditos e outras matérias para publicação relativos à história e áreas afins.
 - 2 – O material para publicação deverá ser encaminhado preferentemente em disquete, programa processador de texto do ambiente Windows com uma cópia impressa, ou datilografado em duas vias, em uma só face do papel, em espaço duplo. Acompanhará o texto um "abstract" de 20 linhas, com versão em inglês. O nome do autor deverá ser acompanhado de dados especificando a atividade que exerce, a instituição em que trabalha, a titulação acadêmica e endereço para correspondência.
 - 3 – Os textos encaminhados para publicação deverão ter de 15 a 30 páginas aproximadamente (com 30 linhas cada uma), excetuando-se as resenhas.
 - 4 – Todos os trabalhos serão previamente apreciados pelo Conselho Editorial da revista. A simples remessa de originais não implica autorização para publicação.
 - 5 – Os originais submetidos à apreciação do Conselho Editorial não serão devolvidos. A revista compromete-se a informar os autores sobre a publicação ou não de seus artigos.
 - 6 – As notas de rodapé e referências bibliográficas, quando existirem, deverão ser indicadas no corpo do texto por algarismo arábico em ordem crescente e listadas no final do artigo. Fazer citação bibliográfica completa quando o autor e a obra estiverem sendo indicados pela primeira vez; em caso de repetição utilizar SOBRENOME, Nome, op. cit., p., ou ídem, ibidem, p.
 - 7 – A bibliografia deverá ser relacionada no final do trabalho.
 - 8 – As referências bibliográficas deverão observar as normas da ABNT.
- 8.1. no caso de livro:
SOBRENOME, Nome. **Título sublinhado**. Local de publicação: Editora, data.
Ex.: FICO, Carlos; POLITO, Ronald. *A história no Brasil (1980-1989). Elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992.
 - 8.2. no caso de coletânea:
SOBRENOME, Nome. Título não sublinhado. In: SOBRENOME, Nome (Org.). **Título do livro sublinhado**. Local de publicação: Editora, data, p.
Ex.: HOBBSAWM, Eric. Adeus a tudo aquilo. In: BLACKBURN, Robin (Org.). *Depois da queda*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
 - 8.3. no caso de artigo:
SOBRENOME, Nome. Título do artigo. **Título do periódico sublinhado**, local de publicação, volume e número do periódico (número do fascículo), página inicial-página final, mês e ano da publicação.
Ex.: RAGO, Margareth. Prazer e perdição: a representação da cidade nos anos 20. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.7, n.13, p.77-101, set.86/fev.87.
 - 8.4. no caso de tese acadêmica:
SOBRENOME, Nome. **Título da tese sublinhado**. Local: Dissertação (mestrado) ou Tese (doutorado), Instituição em que foi defendida (Faculdade e Universidade), data.
Ex.: OSÓRIO, Helen. *Apropriação da terra no Rio Grande de São Pedro e a formação do estado platino*. Porto Alegre: Dissertação (mestrado), CPG em História/UFRGS, 1990.

anos 90

Senhores:

Dear Sir:

Queiram ter a gentileza de preencher o presente cartão, devolvendo-nos, a fim de que não haja interrupção na remessa do número seguinte da revista ANOS 90.

Please complete and return this card, so that we can send you the next issue of ANOS 90.

1. Recebemos e agradecemos:

We have issued:

2. Faltam-nos:

We need:

3. Enviamos em permuta:

We are sending you in exchange:

Local, data e assinatura:

City, date and signature: